

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**LISBOA, João Francisco** (Pirapemas, 1812- Lisboa, 1863)

João Francisco Lisboa nasceu em Pirapemas, Maranhão, em 1812, fruto do casamento de João Francisco de Melo Lisboa e Gerardes Rita Gonçalves Nina. Oriundo de uma família tradicional e empobrecida, João Francisco Lisboa realizou os primeiros estudos em São Luís, capital do Maranhão, onde viveu até os onze anos. Após um breve retorno a Pirapemas, é enviado novamente a São Luís em função da morte do pai, quando tinha então quatorze anos. Nesse tempo, apesar de realizar sua formação em boa parte como autodidata, frequentou alguns letrados de renome, entre eles o professor de latim, filólogo, crítico e jornalista Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), de quem se tornaria depois dissidente intelectual e político.

Inserido no grupo dos liberais, Lisboa atuou desde os 20 anos na imprensa, editando jornais como *O Brasileiro*, *Farol Maranhense*, *Ecos do Norte* e *Cronica Maranhense*. Graças a essa atuação, ganhou destaque no partido liberal, sendo eleito para a Assembleia Provincial entre os anos 1834-1837 e 1838-1841, durante os quais também ocupou o cargo de secretário do governo (1835-1838). Em 1840, em meio aos rearranjos no cenário político ocasionados com a renúncia de Feijó e com a revolta da Balaiada (1837), com a qual é acusado de ter ligação, Lisboa enfrentou a experiência de alijamento político e a desilusão com os partidos. Esse distanciamento do jogo político-partidário se expressou em suas mordazes críticas publicadas, a partir de 1852, no *Jornal de Timon*, uma de suas publicações mais conhecidas, que sairia em doze volumes, sendo os dois últimos editados já em Portugal.

Em 1855, João Francisco Lisboa viajou para o Rio de Janeiro, tendo ali uma breve estadia antes de partir para Lisboa, com a missão de coletar documentos relativos à história do Brasil nos arquivos portugueses. Em Portugal, enquanto frequentava a Torre do Tombo e os arquivos do Conselho Ultramarino, Lisboa entrou em contato com letrados e historiadores portugueses, entre os quais Alexandre Herculano. É nesse período que vai aprimorar as habilidades que, àquele momento, eram delimitadas como próprias de uma historiografia disciplinar moderna e que lhe colocariam posteriormente no panteão da historiografia brasileira. Essa obra tardia é expressa tanto nos dois volumes finais do *Jornal de Timon*, como em sua biografia inacabada do padre Antônio Vieira. Após sua morte, seu amigo Antonio Henriques Leal se ocupou de editar suas *Obras Completas* (1864-1865), em três volumes, o que ampliaria a recepção do trabalho de Francisco Lisboa nos círculos letrados brasileiros.

Entre as décadas de 1830 e 1850, intervalo no qual Lisboa produziu a maior parte de seus escritos, o



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Brasil passou da fase de forte instabilidade social e semântica do período regencial (1831-1840) ao processo de centralização política e estabilização capitaneado pelo projeto conservador saquarema. É durante esse período que Lisboa formou a sua persona literária, sob o falso-pseudônimo de Timon - referência tanto ao Timon, o Misanthropo, da Antiguidade clássica, como também, provavelmente, à versão francesa encarnada pelo visconde de Cormenin em suas sátiras.

Nesse intervalo de três décadas no qual sua produção se insere, é possível identificar, igualmente, o estabelecimento de algumas fronteiras discursivas que iriam definir os protocolos por meio dos quais a nação brasileira poderia ser pensada historicamente, e que encontraria no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838, a sua grande instituição organizadora. Da atuação jornalística e partidária da década de 1830 à atuação nos arquivos portugueses, passando pela crítica e reflexões políticas da primeira fase do *Jornal de Timon*, João Francisco Lisboa teve sua obra fortemente marcada pelas vicissitudes políticas e intelectuais que afetaram o Brasil naquele momento. Por isso, a dificuldade de tratar seus escritos como um todo homogêneo, querendo tirar dali alguma forma de doutrina fechada e coerente. Sua obra deve ser entendida, antes, em função dos diferentes gêneros em que escreveu e em relação aos distintos contextos nos quais se inseria, revelando a dimensão profundamente pragmática de sua escrita.

O maior foco de reflexão em seus escritos publicados no *Jornal de Timon* gira em torno das diferentes experiências político-partidárias na história ocidental, dos antigos aos modernos, tornando a história uma espécie de laboratório da política. Nestas reflexões, no mesmo movimento em que atacava as elites regionais com seu tom satírico, Lisboa desenvolveu um estilo historiográfico no qual convergia estudo do passado e reflexão política, analisando de que modo em diferentes sociedades foram equilibrados os vetores perenes da "autoridade" e da "liberdade" – tema então central no pensamento político nacional. Já em seus escritos tardios, quando foi substituir Gonçalves Dias na missão de coleta de arquivos no Conselho Ultramarino, João Francisco Lisboa adotou um estilo distinto, marcado tanto por um maior investimento erudito no uso de documentação histórica, como pela sobriedade e elegância de sua narrativa.

João Francisco Lisboa contribuiu para os debates que então orientavam os letrados brasileiros na busca de definir os modos como deveria ser escrita da história do Brasil. Fazem-se presentes em seus textos reflexões acerca da melhor periodização da história nacional, que sentido dar à colonização portuguesa, qual o lugar dos indígenas e dos africanos, como tratar os documentos, quais os objetos que uma história filosófica deveria abarcar. Em seus "Apontamentos, Noticias e Observações para servirem à história do Maranhão", publicados ainda dentro da primeira fase do *Jornal de Timon*, por exemplo, é possível identificar como Lisboa aciona uma série de princípios para a escrita da história a partir do confronto com os cronistas coloniais. A sua crítica aos *Annaes (1718-1722)* de Bernardo Pereira de Berredo é estruturada a partir de uma oposição entre a "crônica" e a "história filosófica", tal como passavam a ser entendidas em meados do século XIX no Brasil. Berredo, segundo Lisboa, buscou adotar um estilo pomposo e nobre, quando seu objeto demandaria um estilo mais seco e objetivo, em conformidade com os princípios de verossimilhança de uma nova sensibilidade histórica. A divisão dos capítulos em Berredo, igualmente, é criticada por remeter ao modelo da epopeia, distante do que demandaria uma narrativa histórica ciosa de compreender o processo de formação



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

da sociedade colonial. Para a compreensão correta da história, por fim, ao invés de focar no grande objeto que caracterizava a tradição historiográfica clássica, a guerra, Lisboa afirma a necessidade de tematizar os objetos próprios de uma história filosófica, quais sejam: agricultura, comércio, população, costumes.

Outro tópico que permeia seus escritos diz respeito à questão indígena, tema sensível politicamente e bastante discutido no IHGB. Se Lisboa posicionou-se, em seus primeiros escritos, a favor da colonização portuguesa e cético quanto à possibilidade de civilização dos indígenas, posteriormente tornou-se um dos maiores acusadores da violência histórica contra aquelas populações, protagonizando uma célebre querela com o autor da *História Geral do Brasil*, Francisco Adolpho de Varnhagen (1816-1878). É a partir da autoridade dos protocolos disciplinares da crítica histórica e de sua experiência nos arquivos portugueses que Lisboa sustentava sua argumentação. O estudo criterioso de documentos inéditos, portanto, permitia a Lisboa asseverar fatos históricos que comprovavam os atos de violência que marcaram a colonização portuguesa. A querela, no entanto, não se restringia apenas à definição de questões de fato, mas também a princípios morais que deveriam guiar (ou vetar) o trabalho do historiador. Tão ou mais importante que definir a singularidade dos fatos, havia um certo reconhecimento de que a escrita da história também se inseria como um ato moral, cujas implicações não poderiam ser desprezadas. No caso da crítica à Varnhagen, esse princípio se expressava na deslegitimação de uma concepção da violência de Estado como fator de civilização, cara ao autor da *História Geral*. Para Lisboa, fazendo uso de uma tópica liberal, o elogio a esse tipo de ação política não apenas associaria equivocadamente "civilização" e "violência", como acabaria por expor todos os cidadãos à sua mesma lógica: "Se quereis a guerra e a escravidão para converter e civilizar o selvagem, haveis dentro em pouco de admitir também, de bom ou mau grado, o emprego da força, do ferro e do fogo para cultivar o espírito e regular a consciência do homem civilizado" (*Crônica Política*, 1984, p. 241).

Para Lisboa, a história do Brasil foi marcada por uma colonização nociva, com "leis confusas, incompletas, contraditórias, opressivas"; na qual os funcionários e governadores preenchiam o tempo com "manejos e intrigas políticas e particulares" e cujos cidadãos organizavam-se a partir de "poderes rivais e relutantes, inúteis para a fiscalização e o equilíbrio, admiráveis para os conflitos, os tumultos e as revoltas" (*Obras*, 1865, Vol. III, p. 172). Do mesmo modo, compartilhando do antijesuitismo de seus contemporâneos, Lisboa via a atuação da Companhia de Jesus de forma bastante negativa, marcada por interesses políticos e econômicos. Mesmo o padre Antonio Vieira, se era reconhecido por suas qualidades oratórias e literárias, não deixava de ser fortemente criticado por suas ambições seculares de notoriedade e de poder. Se a história do Brasil teve algumas experiências positivas, como a revolta de Beckman, os aspectos nocivos da colonização foram muito mais determinantes na configuração de sua formação política e social. Mesmo as mudanças promovidas após a independência serviram mais para garantir a continuidade daquele sistema do que para promover o surgimento de uma nova sociedade. Nesse sentido, a implementação de formas políticas representativas, via sistema eleitoral, não poderia encontrar as condições de possibilidade para seu pleno funcionamento.

Ao narrar como os vícios e as virtudes promoveram o equilíbrio ou o desequilíbrio de instituições políticas em diferentes sociedades, e especificamente no Brasil, João Francisco Lisboa intentava aguçar uma forma de raciocínio eajuizamento sobre a realidade política nacional. Sua escrita da história, portanto, inseria-se

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

como uma forma de reflexão moral, estabelecendo uma série de pontes entre o passado e o presente. A tarefa de narrar a história, segundo Lisboa, cobrava do historiador a competência de não apenas estabelecer os fatos via erudição crítica, mas também de encontrar as forças que lhe davam sentido. Só assim a história poderia vir a ser útil ao presente. Mais do que apenas oferecer exemplos morais, caberia ao historiador habilitar o leitor a adquirir uma percepção moral, que o possibilitasse lidar com as diferentes experiências históricas em suas diferenças e novidades.

**Bibliografia activa:** *Obras*, Vol. I, São Luís, 1864; *Obras*, VOL. II. São Luís, 1865; *Obras*, Vol. III, São Luís, 1865; *Obras*, Vol. IV, São Luís, 1865; *Crônica política do Império*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984; *Crônica do Brasil colonial: apontamentos para a história do Maranhão*. Introduções de Peregrino Junior e Graça Aranha. Petrópolis: Vozes/INL, 1976; *Vida do Padre Antônio Vieira*. Clássicos Jackson. Volume XIX. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1964; *Jornal de Timon*. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.

**Bibliografia passiva:** VERÍSSIMO, José. "João Lisboa, moralista e político", in: *Estudos de literatura brasileira*. São Paulo, Itatiaia, 1997; LEAL, Antonio Henriques. "Notícia acerca da vida e obras de João Francisco Lisboa", in: LISBOA, João Francisco. *Obras*, Vol. I, São Luís, 1864; JANOTTI, Maria de Lourdes M. *João Francisco Lisboa: jornalista e historiador*. São Paulo, Ática, 1977; CARVALHO, José Murilo. "Lisboa e Timon: o drama dos liberais do império", in: LISBOA, João Francisco. *Jornal de Timon*. São Paulo, Cia. das Letras, 1995; TURIN, Rodrigo. João Francisco Lisboa, in: PARADA, Maurício; RODRIGUES, Henrique Estrada. (Org.) *Os Historiadores. Clássicos da História do Brasil. Dos Primeiros Relatos a José Honório Rodrigues*. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, 2018; SILVA, Jussara Rodrigues da. *Reformar os costumes pela história: a historiografia de Francisco Lisboa no Jornal de Timon*. Tese de Doutorado. UFOP, 2017; MACEDO, Gil Eduardo de Albuquerque. Um retrato político do padre Antônio Vieira: antijesuitismo em João Francisco Lisboa, *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 14, n. 37, p. 105-134, 2021.

Rodrigo Turin